

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO INTERNETÊS

Daniela Gehlen dos Santos¹

Andréia Gomes²

Resumo: Este artigo apresenta uma breve discussão acerca do internetês, linguagem que se firma cada dia mais entre os usuários da rede de computadores. Mostra que esta forma de escrita não pode ser considerada uma ameaça à Língua Portuguesa, mas apenas uma variedade empregada numa situação específica. Sugere também que reflexões sobre este tema devem ser realizadas no ambiente escolar para que o aluno compreenda a relação existente entre variedades lingüísticas e contexto de uso.

Palavras-chave: internetês, variedade lingüística, análise.

1. Considerações Iniciais³

Atualmente, é muito comum ouvirmos falar do internetês, que é uma forma de escrita própria dos ambientes de comunicação virtual. Nestes meios, os interlocutores reduzem as palavras, não empregam os acentos gráficos, inventam novas expressões e costumam escrever de acordo com os padrões fonéticos. *Vc, naum, tb, cmente, xau, bjs, kbeça* são exemplos do internetês.

A linguagem da internet, no entanto, vem sofrendo fervorosas críticas de todos os segmentos da sociedade, principalmente por parte dos professores. O maior temor é que o internetês deturpe ou deteriore a nossa língua compreendida pelo senso comum como pura, ideal e única.

Tais circunstâncias conduzem à necessidade de se repensar a prática pedagógica e apontam ao professor seu papel nesta nova caminhada, já que é importante que a escola se posicione adequadamente frente às novidades advindas das tecnologias recentes.

¹ Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (FAFIUV).

² Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

³ Este artigo foi elaborado a partir das principais reflexões obtidas na Monografia de Especialização apresentada à FAFIUV em 2007.

Nesta pesquisa, pretendemos mostrar que o internetês não deve ser discriminado pela sociedade e, sobretudo, pela escola, mas aceito como uma variedade da língua, usada em situações específicas, com finalidades pré-definidas, o que justifica as suas peculiaridades.

Para argumentarmos em favor disso, dividimos este artigo em quatro seções. Iniciamos apresentando alguns pressupostos teóricos acerca da tradição da gramática normativa e a visão de língua culta adotada por esta perspectiva. Ainda nesta seção, analisamos a noção de variação lingüística e suas principais implicações. A seguir, discutimos questões referentes ao internetês, como, por exemplo, as suas características e as principais preocupações da sociedade. Finalmente, tecemos as conclusões obtidas ao longo deste trabalho.

2. Alguns Pressupostos

2.1 A Tradição

A sociedade, de forma geral, apresenta vários preconceitos com relação à Língua Portuguesa. As concepções que vigoram são as de que nossa língua materna é única e estanque, ou seja, essas visões desconsideram o fenômeno da variação que é inerente a todas as línguas naturais. (BAGNO, 2003)

Para entendermos essa idéia dominante acerca do Português são necessárias algumas considerações sobre a gramática normativa, a sua longa tradição e o seu conservadorismo. Passemos então a uma breve história da gramática, delineada a partir de Suassuna (2002).

Na Antigüidade, os estudos sobre a língua foram muito realizados na Grécia e na Índia. Contudo, foram os gregos que contribuíram de forma mais decisiva para a tradição lingüística européia. Os estudos gregos receberam grande influência da Filosofia. Aristóteles desenvolveu um importante estudo lógico da linguagem, segmentando o discurso em partes e investigando a estrutura da oração. O estudo do certo e do errado na Grécia antiga foi bastante praticado pelo interesse de se impor o dialeto ático.

Os romanos incorporaram os estudos gramaticais gregos. Neste período, devido ao crescimento do Império Romano, o estudo do certo e do errado acentuou-se, já que havia a necessidade de uma língua única.

Este tipo de estudo continuou na Idade Média. Deste período também datam trabalhos que se preocupavam com a busca de uma estrutura gramatical universal.

Já no Renascimento, o Latim clássico se impôs como a língua dos estudiosos e, paralelamente, renasceu o interesse pelo Grego com o objetivo de revalorização da cultura antiga. Esses dois fatos, segundo Suassuna (2002), contribuíram para a predominância dos estudos normativos das línguas.

No século XVI, começaram a aparecer as primeiras gramáticas do Português, no entanto, estes compêndios foram elaborados tomando como base os padrões da gramática latina.

No Brasil, o ensino da língua chega com as práticas jesuíticas. E aqui é importante destacar que as gramáticas usadas para o ensino eram iguais às portuguesas e, assim, as diferenças lingüísticas entre Brasil e Portugal foram desconsideradas. Mesmo depois da Independência do Brasil, não foi realizada uma desvinculação ao que concerne à gramática de cunho prescritivo.

Com esse breve retrospecto, podemos perceber que as gramáticas do Português receberam grandes influências da Antigüidade. Muitos manuais atuais trazem ainda explicações lógicas e filosóficas sobre a língua, privilegiam algumas formas lingüísticas e discriminam outras. É a visão do ideal lingüístico, do certo e do errado, onde predomina uma única língua considerada como correta.

2.2 A língua como um conjunto de variedades

No universo escolar, ainda persiste a idéia de que o ensino da gramática normativa deve nortear o trabalho com a língua materna. Há uma relutância entre professores em aceitar a diversidade lingüística presente no Português brasileiro.

Reverter este quadro não é fácil. No entanto, tanto a sociedade quanto os educadores precisam compreender a questão lingüística sob um outro ângulo. Para isso, precisamos buscar alguns pressupostos nos estudos lingüísticos, mais especificamente

na Sociolinguística, que apresenta uma visão científica e livre de preconceitos acerca das línguas naturais.

O ano de 1964 é considerado o marco inicial da Sociolinguística. O surgimento desta área deu-se pela contribuição de vários estudiosos, dentre os quais destaca-se William Labov. Segundo Alkmin (2001), o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, descrita e analisada em situações reais de uso. A autora destaca que uma comunidade de fala se caracteriza “não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.” (ALKMIN, 2001, p. 31). Nesta perspectiva, a língua é compreendida não como uma entidade homogênea, mas como um conjunto de variedades. Assim, língua e variação são fenômenos indissociáveis.

Num plano sincrônico, conforme Alkmin (2001), as variações podem estar relacionadas a diversos fatores. A variação geográfica diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, como pode ser observado em falantes de origens distintas. A variação social está relacionada com a identidade dos falantes e com a organização sociocultural da comunidade (classe social, idade, sexo, contexto social). Também ocorrem variações decorrentes de uma situação de comunicação para outra, já que os falantes diversificam sua fala em função das circunstâncias em que ocorrem as interações.

Percebemos, entretanto, que as diferentes variedades de uma língua apresentam valores hierárquicos, ou seja, há atribuição de valores para as variedades. Isso decorre do fato de que toda sociedade é dividida em classes, em grupos sociais. O fato de um falante não dominar a norma culta impõe a ele um estigma linguístico que pode ser considerado uma forma de preconceito social (BAGNO, 2000).

Com relação a isso, Bagno (2006) propõe que uma das tarefas do ensino de língua seria então discutir os valores sociais que estão atrelados a cada variedade linguística, mostrando ao aluno que sua produção linguística sempre estará sujeita a avaliações sociais, positivas ou negativas.

No entanto, muitas vezes, a escola acaba reforçando o preconceito linguístico, pois com a intenção de preparar o educando para a vida em sociedade acaba disseminando visões equivocadas sobre a língua. Isso faz com que circule na sociedade

brasileira a falsa idéia de que a língua estaria se deteriorando e os falantes estariam contribuindo para este fim, quando não empregam a norma padrão. Outra visão corrente na sociedade é que os brasileiros não sabem falar nem escrever a própria língua. Essas concepções são falsas e preconceituosas, pois se compreendermos o Português deste modo, estaremos negando a sua essência (BAGNO, 2000).

Fiorin e Savioli (2003, p. 114) salientam que “cada uma das variedades lingüísticas pode apresentar-se na modalidade escrita ou na falada”. Daí decorre mais uma questão que precisamos considerar, porque é importante notar que a fala e a escrita são fenômenos distintos. Não é raro encontrar no senso comum a idéia de que a escrita é a transcrição da fala, mas, na verdade, a relação entre elas é mais complexa por se tratar de duas modalidades distintas de linguagem.

Faraco e Tezza (2001) afirmam que a cultura letrada tem uma forte tendência a confundir língua com representação gráfica da língua (escrita). Os autores salientam que por força da tradição e da idéia de autoridade da escrita, parece que a verdadeira língua é a escrita e a fala seria uma espécie de subproduto dela. Contudo, essa idéia é equivocada, pois há uma gramática da fala e uma gramática da escrita. Cada uma das modalidades apresenta especificidades. Na fala, por exemplo, as diferentes variedades são mais aceitas, temos à disposição a entonação e os elementos extralingüísticos, tendemos a ser mais redundantes e o interlocutor está materialmente presente. Na modalidade escrita, na maioria das vezes, aceitamos apenas a língua padrão, empregamos frases mais longas e fazemos uso de sinais gráficos numa tentativa de representar os recursos entoacionais.

3. O Internetês

Os professores precisam estar atentos às inovações e diferenças presentes na sociedade como um todo e, portanto, não podem ignorar a influência do computador, sobretudo da *web*, sobre crianças e adolescentes. Percebemos, porém, que faltam respaldos e sugestões práticas de como os educadores podem aproximar da sala de aula e de suas práticas pedagógicas os benefícios trazidos pela modernidade.

Não raro, professores queixam-se das produções escritas de seus alunos, atribuindo a culpa ao alto número de ocorrências de expressões típicas da fala ou então

da linguagem da comunicação virtual. E, assim, a linguagem utilizada na internet encontra entre os profissionais da educação tanto adeptos fervorosos como aqueles que resistem às diferenças, muitas vezes, até sem entendê-las.

O fato é que muitos manuais didáticos atuais já trazem reflexões e atividades sobre *e-mails*, *blogs*, *chats*, *MSN (Messenger)*, entre outros e, desta forma, aceitando ou não essa realidade, os professores não podem mais desconsiderar as questões referentes ao internetês.

Como, então, devemos encarar essa nova modalidade de escrita que se faz presente cada vez mais entre os jovens mesmo contrariando alguns conceitos pré-estabelecidos pela instituição escolar e pela sociedade?

A internet tem mudado o modo de vida das pessoas no mundo inteiro e, dificilmente, a língua passaria imune. Com o surgimento dos meios *on line* de conversação, as linguagens também começaram a apresentar peculiaridades próprias e adequadas para o meio. É o caso da linguagem empregada, por exemplo, nos *chats* e no *MSN*.

Os *chats* são encontrados em diferentes modalidades, como os *chats* em salas abertas ou os *chats* reservados. Marcuschi (2004, p. 47-48) destaca as principais características dos *chats* abertos:

- A obrigatoriedade do uso de um *nickname* (apelido);
- As produções escritas ocorrem no formato de diálogo numa seqüência imediata e com retornos rápidos como o sistema de seleções de parceiros;
- As produções são síncronas apesar de escritas. Há, contudo, a possibilidade de não ocorrer a sincronia esperada no caso de respostas não imediatas ou quando o parceiro interage com várias pessoas simultaneamente;
- As contribuições são em geral curtas, mas podem chegar a textos maiores;
- A possibilidade de operar comandos e praticar ações nem sempre é bilateral, pois pode ocorrer de algum dos interlocutores estar se comunicando com uma terceira pessoa sem que o primeiro saiba.
- A relação é mais hiperpessoal que interpessoal, já que a participação não é centrada no indivíduo e sim no grupo.

Quanto aos aspectos lingüísticos, a liberdade é total. A esse respeito, Marcuschi (2004) afirma que a linguagem utilizada nos *chats* ainda é muito recente e por esse motivo não se pode ter uma visão mais ampla do fenômeno, já que ela é de fato bastante livre e envolve muitos elementos paralingüísticos, ao contrário de outros gêneros textuais.

Dentre os gêneros síncronos encontrados na rede que também apresentam largamente o uso do internetês, destaca-se ainda o MSN, que embora seja muito recente, já caiu não só no gosto dos adolescentes como também dos adultos.

Marcuschi (2004) defende que a comunicação através da internet não só fez proliferar novos gêneros típicos deste meio como também promoveu uma mistura entre os gêneros. O autor destaca ainda que está cada vez mais difícil delimitar o que era somente admitido na fala e o que era cobrado na escrita.

A linguagem utilizada na internet é interessante, porque mescla língua escrita (o que, de fato, ela é) com características próprias da oralidade. Marcuschi (2004) destaca que essa nova forma de escrita reproduz estratégias da língua falada, como a produção de enunciados mais curtos e com um número menor de nominalizações por frase.

No entanto, as expressões utilizadas não seguem uma forma rígida, ou seja, o internauta pode se expressar da forma que desejar. Como existe a liberdade de expressão, então ninguém é discriminado por ser um pouco mais formal e dispensar o modo reduzido de escrever. O importante é ser compreendido pelo maior número de pessoas possível e despertar a atenção do interlocutor.

A internet surgiu como meio de comunicação bastante democrático: o locutor tem liberdade para expressar-se, enquanto o interlocutor tem a opção de ignorar ou aceitar a mensagem.

Alguns especialistas acreditam que a linguagem utilizada pelos internautas, com algumas exceções, não teria uma utilidade prática no mundo real, ou seja, deve ficar sempre restrita ao ambiente virtual.

Contudo, não há dúvida de que esse segmento pode até influenciar as futuras transformações por que a língua pode passar nos próximos anos. Mas mudanças e variações não significam deterioração. Como a língua é viva, está em constante transformação, adquirindo novos elementos, colocando outros em desuso,

acompanhando as transformações sociais, políticas e culturais dos povos. Não há motivo para embalsamar a língua portuguesa, como desejam os gramáticos normativos.

A língua escrita e quase falada dos internautas é mais uma das inúmeras variedades de nossa língua. Assim como é inútil tentar corrigir a língua falada, também é inútil tentar corrigir a língua escrita na *web*, porque ela é fugaz, efêmera e se dissipa no ar, porque sequer chega a ser impressa.

A escrita no meio digital, contudo, coloca questões que levam a se repensar a relação fala e escrita e a considerar modos mistos e heterogêneos de construção. Do ponto de vista lingüístico, a escrita eletrônica traz para primeiro plano a relação entre fala e escrita (POSSENTI, 2002). Talvez, neste contexto, seja inviável considerar uma dicotomia entre estas duas modalidades. É evidente que nenhuma pessoa fala da mesma forma que escreve, mas sempre é possível ter interferência de uma modalidade sobre a outra. A pessoa pode trazer marcas da oralidade para a escrita, assim como pode falar de modo mais ou menos formal, dependendo da situação em que se encontra e da sua relação com o ensino e o conhecimento das normas gramaticais.

Quando o computador surgiu como instrumento possível de ser utilizado em sala de aula, a primeira reação dos pedagogos foi de resistência. O maior receio dos professores foi que eles fossem substituídos pelos computadores ou que a linguagem da internet “assassinasse” a língua padrão. Isso, no entanto, não corre o risco de se concretizar, pois a informática é um mero instrumento e, no processo de aprendizagem, o professor é elemento fundamental porque age como facilitador e mediador.

Entretanto, a internet está transformando a relação entre alunos e professores e estabelecendo novos paradigmas para o ensino e a aprendizagem. O internetês só afetará os trabalhos escolares se os jovens não estiverem preparados para adequarem sua língua à ocasião. Os alunos devem ter clara consciência de que podem utilizar o internetês em suas conversas via MSN ou outro veículo de comunicação virtual e usar a norma padrão em momentos que assim a exigirem, demonstrando assim suas habilidades lingüísticas.

Ao empregarem a forma de escrita típica dos meios virtuais em outros contextos, os alunos sinalizam para seus professores que não estão entendendo perfeitamente essa dinâmica da adequação lingüística. Isso sugere que essas questões precisam ser bem esclarecidas e debatidas em sala de aula. O professor, ao invés de tão

somente combater e criticar o internetês, deve buscar estratégias para levar os alunos a reflexões sobre a linguagem.

Os professores e as instituições de ensino que conseguirem aliar a tecnologia à criatividade, certamente terão êxito na educação de seus alunos. Aproximar a escola dos interesses e experiências dos jovens é reaproximá-los da sala de aula. A escola precisa considerar e refletir sobre todas as mudanças sociais, culturais e comportamentais que a sociedade digital está disponibilizando.

4. Considerações finais

Derrubar barreiras e desmitificar questões referentes à língua parece ser uma tarefa quase impossível, todavia é preciso dar os primeiros passos. É necessário compreender que toda língua é um conjunto variado de formas lingüísticas, ou seja, as línguas são, na verdade, um amplo conjunto de variedades sociais, geográficas e contextuais. Assim, quando um indivíduo, em suas comunicações virtuais, emprega o internetês, está adequando sua linguagem a uma situação específica e ao modo de interação empregado por todo um grupo.

A linguagem da internet não é capaz de acabar com a língua portuguesa e, muito menos, deturpá-la. Seu emprego tem como objetivo atribuir uma certa identidade ao grupo, além de agilizar e, conseqüentemente, facilitar a interação virtual.

Cabe aos educadores a tarefa de mostrar aos seus alunos que essa forma de escrita não deve ser considerada erro, mas que é adequada ao ambiente *on line*. Para isso, todo professor de língua materna precisa propor em sala de aula um grande debate sobre a adequação da linguagem ao contexto de uso e não apenas inibir ou discriminar determinadas formas. A postura do docente deve ser de orientação e não de preconceito.

Diante de todas estas questões, podemos afirmar que o computador e a internet apresentam-se como potentes instrumentos de ensino, mas, ao mesmo tempo, impõem grandes desafios à escola contemporânea, que precisa refletir sobre o modo como deve conduzir os processos de aprendizagem.

Referências

- ALKMIN, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Loyola, 2000.
- BAGNO, M. **A norma oculta**: Língua e poder na sociedade. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, M. Nada na língua é por acaso: variação, mudança e ensino. In: _____ **Revista presença pedagógica**, Brasília, set. 2006. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/educacao/marcosbagno>>. Acesso em: 19 jun. 2007.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Prática de texto para estudantes universitários**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PLATÃO, F.; FIORIN, J. L. **Lições de texto**: leitura e redação. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros textuais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- POSSENTI, S. Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido. In: **Educar em revista**. n. 20. Curitiba: Ed. UFPR, 2002, p. 59-75.
- SUASSUNA, L. **Ensino de Língua Portuguesa**: uma abordagem pragmática. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2002.